

**ASPECTOS DA VIAGEM DE FORMAÇÃO DA PROFESSORA MARIA
GUILHERMINA LOUREIRO DE ANDRADE AOS ESTADOS UNIDOS DA
AMÉRICA (1883-1887)¹⁰⁰**

**ASPECTS OF TEACHER MARIA GUILHERMINA LOUREIRO DE ANDRADE'S
TRAINING JOURNEY TO THE UNITED STATES OF AMERICA (1883-1887)**

Vinicius de Moraes Monção¹⁰¹

Resumo

O artigo analisa a trajetória de formação profissional da professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade na cidade de Nova York, entre os anos 1883 e 1887. Para isso, utilizamos de um corpus documental variado, a partir da perspectiva dos paradigmas indiciários e das redes de sociabilidade. Como resultado foi possível identificar aspectos teóricos e pedagógicos presentes na atuação profissional da professora após seu regresso ao Brasil.

Palavras-chaves: Viagem pedagógica. Formação docente. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.

Abstract

The article analyzes the professional formation trajectory of the teacher Maria Guilhermina Loureiro de Andrade in New York City, between 1883 and 1887. For this, we use a varied documentary corpus, from the perspective of the indicative paradigms and the networks of sociability. As a result, it was possible to identify theoretical and pedagogical aspects present on professional performance of the teacher after her return to Brazil.

Keys words: Pedagogical trip. Teacher training and teaching. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar e discutir a viagem realizada pela professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1842- 1929) aos Estados Unidos

¹⁰⁰ O texto tem origem na pesquisa realizada durante o doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e contou com recurso CAPES entre os anos 2015 e 2018.

¹⁰¹ Doutor em educação com ênfase em História da Educação (PPGE/UFRJ). Pós-doutorando em História da Educação (FEUSP) e bolsista FAPESP processo n.º 2020/002196. Professor colaborador III do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História Educação (NIEPHE) e do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES/UFRJ). E-mail: vinimoncaodois@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3353-1655>

em 1883 em busca de formação na pedagogia jardins de infância, desenvolvida por Friedrich Froebel (1782 - 1852), e amplamente divulgada e implementada nos Estados Unidos a partir da segunda metade do século XIX. Durante sua estada nos Estados Unidos, entre os anos de 1883 e 1887, Maria Guilhermina se estabeleceu na cidade de Nova York onde cursou a *New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten*, criado e dirigido pelo casal Maria Kraus-Boelté e John Kraus; frequentou aulas na *Normal College of New York*, com Nicholas Murray Butler (1862-1947), professor de filosofia e educação da Universidade de Columbia, e Felix Adler (1851-1933), professor das cadeiras de ocupar a cadeira de ética política e social da mesma universidade (MONÇÃO, 2018).

A análise da viagem realizada por Maria Guilhermina teve o interesse de identificar os elementos que fizeram parte de sua formação na metodologia dos jardins de infância e de que forma sua formação direcionou a sua atuação profissional após seu regresso ao Brasil. A principal dificuldade na produção deste trabalho se deve ao fato dos restritos relatos que abordaram o período em que a professora permaneceu nos Estados Unidos. Contudo, para superar este hiato, optamos pela abordagem teórico-metodológica do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e das redes de sociabilidade (SIRINELLI, 2003; FRAGOSO, GOUVÊA, 2010; FRAGOSO, 2010). Através de apontamentos diversos, nos foi possível identificar e mapear personagens com que Maria Guilhermina, possivelmente, conheceu e estabeleceu contato. Para isso, nos detivemos ao recorte temporal da década de 1880 e 1890, tomando a liberdade para avançar e retroceder no tempo seguindo o movimento das fontes e os indícios levantados no decorrer da pesquisa. Recorremos a jornais brasileiros e estadunidenses, revistas pedagógicas estadunidenses, documentação escolar, legislação, documentos administrativos, consultados via web e em arquivos físicos no Brasil e nos Estados Unidos. As questões norteadoras empregadas na leitura e análise dos documentos localizados estavam pautadas em entender a escolha de Maria Guilhermina por Nova York em detrimento aos consagrados países europeus. Se ela viajou sozinha ou acompanhada? Onde estudou? Com quais pessoas possivelmente teve contato? Qual o cenário social que favoreceu sua aprendizagem em Nova York?

A cidade do Rio de Janeiro e suas conexões com o mundo

O Rio de Janeiro, na década de 1880, possuía um dos principais portos do país e das Américas, o que oportunizava conexão pelo mar com as províncias do Império, tanto as costeiras como as localizadas no interior do continente, e com diversas cidades do Globo. O mar era a principal via de conexão e integração com o mundo.

Na segunda metade do século XIX, o porto do Rio integrava um posto de importância no comércio marítimo internacional entre cidades dos hemisférios norte e sul. Para ir ou vir, era quase obrigatório aos navios mercantes, militares e oficiais passarem pelo Rio (JEHA, 2013). Nele, o movimento de idas e vindas era intenso e anúncios sobre saída e chegadas de navios, galeras, vapores, paquetes e todo o tipo de embarcações marítimas daquele período preenchiam as páginas dos anúncios de jornais de grande circulação na cidade, como o *Jornal do Commercio* e o *Almanak Laemmert*.

A comercialização de gêneros diversos dava-se na antiga região portuária da Cidade que compreende os espaços atuais entre a Praça XV e a Candelária; além de pontos específicos que se estendiam pela atual região portuária até o saco de São Diogo, local hoje denominado de Caju. Na região mais central da cidade, entre a Praça XV e a Candelária, estavam localizadas as principais agências e os postos comerciais marítimos. Ali, cotidianamente, davam conta do recebimento e envio de cargas e passageiros. Assuntos dessa natureza poderiam ser tratados com os comissariados estabelecidos na Praça da Marinha ou então nas agências espalhadas pela região como as existentes nas ruas da Direita, Visconde de Itaboraí, do Mercado, da Alfândega, dos Pescadores, de São Pedro e do Hospício. Alguns negócios não estavam estabelecidos em agências e endereços próprios e, nesses casos, as operações poderiam ser acordadas nos trapiches, na ponte do largo do Paço, ou ainda o interessado poderia se dirigir à embarcação e tratar com o comandante a bordo.

Nessa região, circulavam trabalhadores, passantes e todo o tipo de gente. Alguns buscavam o “pão de cada dia” para a sua sobrevivência, fossem trabalhadores e

trabalhadoras livres ou sob o jugo da escravidão (FARIAS, 2015)¹⁰². No cenário de uma cidade em ebulição e alta atividade social e comercial, é possível supor que nossa personagem, Maria Guilhermina, também foi uma das pessoas que circulou pela região. Pelas ruas e vielas, embrenhou-se no porto carioca, desde os preparativos de sua viagem, até o dia de seu embarque para Nova York.

É possível relacionar a ampliação dos serviços de viagens internacionais com a abertura da navegação de cabotagem no Brasil para as empresas estrangeiras, na segunda metade do século XIX. Os decretos n.º 3.632 de 27/3/1866 e n.º 5.585 de 11/5/1874 autorizaram a exploração de rotas comerciais marítimas pela costa brasileira ampliando o fluxo mercantil com o exterior (GOULARTI FILHO, 2010; MARCONDES, 2012), já que o país não detinha recursos técnicos, financeiros e expertise profissional para o enfrentamento de navegações de longo curso. Diante disso, optou-se pelo modelo de concessão de serviço a empresas habilitadas para tal (JEHA, 2013).

Contudo, segundo Goularti Filho, os decretos apenas regulamentaram uma prática comum existente nos portos brasileiros, “cujas embarcações estrangeiras já faziam o transporte de cabotagem entre os principais portos do Império” (GOULARTI, FILHO, 2010, p. 3)

Ao investirmos nos “anúncios marítimos” do *Almanak Laemmert*, com foco na década de 1870, foi possível localizar a oferta de serviços das empresas que atuavam no Brasil, bem como as linhas marítimas existentes de transporte de cargas e passageiros, simultaneamente. Diversas empresas disputavam o mercado de trânsito internacional, dentre elas estavam a: *Des Services Maritimes des Messageries Imperiales* que ligava o Rio a Bordéus; a *Sociedade Geral dos Transportes Marítimos*, com Marselha; a *Royal Mail Steam Packet Company*, com Southampton; a *Liverpool, Brazil and River Plate Steam Navigation*, com Liverpool; a *London, Belgium, Brazil and River Plate*, com Antuérpia; a *de Navegação entre Nápoles e o Rio da Prata*, com Nápoles; *Hamburg and Brazilian Steam Packet*, a *Hamburg-Südamerikaische*

¹⁰² Farias (2015) investigou os “mercados minas” dos africanos ocidentais na região da praça do mercado do Rio de Janeiro, especialmente a atuação das mulheres. O trabalho, voltado para a atuação de africanas e africanos no comércio da região, nos permite identificar e compreender as tramas sociais existentes naquela região.

Dampfschiffahrts-Gesellschaft a Kosmos, Deutsche Dampfschiffahrtsgesellschaft com Hamburgo; a *Brasileira de Paquetes*, com Montevidéo; a *Des Services Maritimes des Messageries Imperiales, Royal Mail Steam Packet Company, Brazil and River Plate Steam Navigation*, com Buenos Aires; a *Pacific Steam Navigation Company* com Valparaíso; e a *United-States and Brazil mail Steam Ship* que fazia ligação com Nova York (ALMANAK LAEMMERT, 1870 - 1885; GOULARTI FILHO, 2010).

A linha marítima que conectava as cidades do Rio de Janeiro e Nova York, rota utilizada por Maria Guilhermina em sua viagem, foi estabelecida pelo decreto n.º 3514 de 17 de fevereiro de 1866, via contrato entre o governo Imperial com a empresa *The United States and Brazil Mail Steamship Company*, com um período de vigência de 10 anos¹⁰³. Após a expiração do tempo desse contrato, em 10 de novembro de 1877, um novo foi estabelecido com outra empresa, a “Casa Comercial de John Roach & Son, de Nova York”¹⁰⁴, pelo decreto n.º 6729 (BRASIL, 1877, s/p). Embora a questão específica da mudança da empresa no fornecimento do serviço não tenha sido encontrada é possível supor que esta tenha acontecido em razão: da concorrência comercial existente, pela oferta de frota marítima que correspondesse aos interesses do Governo Imperial, por barateamento do valor das passagens e até mesmo pontualidade nas viagens, questão abordada no contrato.

Em novembro de 1865, o general Wood, responsável pelas negociações de estabelecimento do contrato entre a *The United States and Brazil Mail Steamship Company* e o Governo Imperial, encaminhou uma carta ao jornal *The New-York Times* informando um acordo firmado. De acordo com a narrativa, fora “recebido pelo governo brasileiro de braços abertos” e considera que a nova linha traria “vantagem aos dois países”, pois os brasileiros poderiam ir à Europa via Estados Unidos e, nesse país, fazer uma parada de até quatro meses. Nesse período de estadia, seria possível conhecer o progresso dos Estados Unidos e assim deixar de lado o modelo francês para o norte-americano (THE NEW-YORK TIMES, 1865, n.º 4427, p. 6)¹⁰⁵.

¹⁰³ O referido decreto não foi localizado. A indicação de sua existência está presente no decreto n. 6729 de 10 de novembro de 1877.

¹⁰⁴ John Roach (1815-1887) foi um empresário do ramo da construção naval nos Estados Unidos (BLUME, 2012).

¹⁰⁵ O *The New York Times* foi fundado em 1851 por Jarvis Raymond e George Jones, jornalista e político e banqueiro, respectivamente. Com tiragem diária com exceção dos domingos. Na década de 1880 o valor

Na mesma carta, o general Wood fez críticas ao cenário comercial do Brasil. Para ele, as consequências de se ter a França como modelo social e econômico eram claras. Havia “uma estagnação quase total das empresas; a população possuidora de uma educação altamente polida, mas bastante superficial entre as melhores classes, acompanhada de uma grosseira ignorância e intolerância entre as classes mais baixas”. É por essa questão que o governo estadunidense desejava investir no país (THE NEW-YORK TIMES, 1865, n.º 4427, p. 6).

O contrato de cabotagem firmado previa a manutenção da oferta de uma linha regular de paquetes a vapor entre o porto da cidade do Rio de Janeiro e de Nova York, com escala nos portos de Salvador, Recife e Belém (BRASIL, 1877, s/p)¹⁰⁶. De acordo com a 1ª cláusula do documento, os paquetes deveriam ser construídos com os “melhores materiais, e segundo os modelos mais recentes e geralmente mais adotados, em número suficiente para uma viagem mensal ou doze viagens redondas por ano” (BRASIL, 1877, s/p).

Como condição contratual para a exploração da linha marítima, a empresa estava obrigada a transportar “gratuitamente as malas do Correio, quer na vinda quer na volta”, e oferecer descontos nas “passagens dos funcionários públicos que viajarem por conta do Governo Imperial”, de 25%, e as “tropas e munições de guerra transportadas nos vapores da empresa gozarão da redução de 30% da tarifa comum” (BRASIL, 1877, s/p). Além dos interesses do transporte da carga, funcionários do Governo e malotes do Correio, a empresa deveria oferecer desconto “nunca inferior a 25% do preço fixado na tarifa das passagens” aos “colonos ou imigrantes, deliberados a fazerem sua residência no Império” desde que “apresentarem documento de autoridades brasileiras”. O mesmo deveria ser aplicado no transporte das “máquinas e instrumentos destinados à lavoura” (BRASIL, 1877, s/p). Em contrapartida, o Governo Imperial oferecia subvenção à empresa exploradora da rota “com a quantia anual de

diário era de 4 cents de dólar. O jornal apresentava notícias variadas, desde economia a colunas de personalidades e eventos sociais. Assuntos relacionados à educação da primeira infância são localizados, mas estes tornaram-se mais amplos a partir do final do século XIX, fato que se relaciona com a ampliação dessa dimensão educativa nos Estados Unidos (VIANA, LIMA, 2011).

¹⁰⁶ Importante ressaltar que esse período não inaugurou a presença de estadunidenses no Brasil. Eles já circulavam pelas águas brasileiras e pelas cidades mesmo antes da abertura dos portos em 1808.



200:000\$000 (...) paga por trimestres no Rio de Janeiro em moeda corrente do Brasil, ao representante da empresa devidamente autorizado para isso” (BRASIL, 1877, s/p).

Com as partes burocráticas resolvidas, em todo início de mês, partia do porto do Rio um pacote com destino ao porto de Nova York e vice-versa. Pela natureza do serviço de cabotagem, no território brasileiro, o vapor fazia parada nos portos da Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará onde embarcavam e desembarcavam passageiros, mercadorias e malas oficiais dos Correios.

Pelo mapeamento de fontes e suporte da historiografia é possível apontar que a criação desse serviço marítimo foi estabelecida a partir de dois movimentos: o primeiro, pautado no interesse do Governo Imperial em ampliar o comércio nacional com o estrangeiro e estabelecer conexão direta entre Brasil e Estados Unidos. Isso, por sua vez, desdobrado em um período em que a Nação do Norte passou a ser vista como potencial modelo social e econômico e que o Brasil poderia seguir em substituição a França e outros do Velho Continente (WARDE, 2000). O outro estava apoiado no interesse de empresas estrangeiras em explorar a demanda existente no Brasil. Processo similar de exploração de empresas estrangeiras no Rio de Janeiro foi feito no estabelecimento de transporte urbano, iluminação e urbanização da cidade (WEID, 2003; TERRA, 2012; BRANDÃO *et al*, 2013).

Correspondendo às exigências do contrato, segundo anúncio da *United States & Brazil Mail Steamship* publicado no *Almanak Laemmert* de 1872, a companhia oferecia “as melhores acomodações para os passageiros, tendo também a vantagem de haver a bordo quem fale os idiomas português, francês e espanhol”. O valor da passagem estava fixado em 225 dólares para o trecho entre as duas cidades e que deveria ser pago em moeda americana. Os bilhetes de viagem poderiam ser adquiridos na agência da Companhia, que estava localizada na rua Primeiro de Março, n.º 41, 1º andar (ALMANAK LAEMMERT, n.º 29, 1872, p. 429).

O valor dos bilhetes de viagem tinha variação de acordo com o tipo de passageiro. A quantia informada no parágrafo acima se referia aos passageiros que optavam pelo serviço da primeira classe. As crianças menores de três anos estavam isentas e aquelas com idade até 12 anos estavam “sujeitas ao pagamento da metade

do valor da tabela”. Os “criados ou escravos, *sem distinção de idade ou sexo*, pagam passagem de proa”. cujo preço era de 112 dólares, e que deveria ser financiado pelo proprietário. Os serviços eram, durante a viagem, “agasalhados convenientemente” e recebiam “mesa medíocre” (ALMANAK LAEMMERT, n.º 29, 1872, p. 429).

Além do interesse de expansão comercial havia aquele voltado para o favorecimento da imigração estadunidense ao Brasil. Esse fazia parte do projeto governamental de substituição da mão de obra escrava pela mão de obra livre por imigrantes, implementado no país a partir da década de 1890 (CHALHOUB, 2012a).

Uma viagem entre mãe e filha

Na manhã de 20 de junho de 1883, Maria Guilhermina, aos 40 anos, embarcou no paquete Reliance, uma embarcação da frota da Companhia United States & Brazil Mail Steamship para Nova York, sob as ordens do comandante George F. Carpenter. Ela viajou acompanhada de sua mãe, Dona Leonor Augusta Loureiro de Andrade, que tinha 54 anos.

Dos 14 passageiros que subiram ao vapor no porto do Rio e que passaram a ocupar as cabines na primeira classe do S.S. Reliance, elas foram as únicas mulheres. Os passageiros embarcados que tiveram seus nomes publicados na coluna “Movimentação do Porto” do Jornal do Commercio foram: Luiz Ginoyer, Augusto Ferreira, João Baptista Ferreira Penna, Theodoro Cicero Ferreira Penna, Jorão da Costa Guimarães; os bolivianos, ministro Modesto Omiste¹⁰⁷, Samuel F. Sanchez, Jacob Ailan; o estadunidense J. Percy Brinton; o alemão Leopoldo Julius Eugéne Vierick; o inglês Annie Oliver; os italianos frei Fidelis de Avola, Luiz de Piazza, Caetano de Troina. Outros oito passageiros estavam a bordo, porém na terceira classe e não tiveram seus nomes publicados pelo jornal (JORNAL DO COMMERCIO, 21/6/1883, n.º 171, p. 6).

¹⁰⁷ É possível que o personagem citado seja Modesto Omiste Tinajeros (1840-1898). De acordo com as escassas referências encontradas Tinajeros tinha uma grande atuação política e intelectual na Bolívia onde atuou como professor, político, advogado e escritor. Atuante no projeto de modernização do seu país, criou a primeira Escola Normal de Professores de Sucre. Por este e outros feitos, é atualmente reverenciado como “patrono da educação boliviana”. Ver em: <http://historias-bolivia.blogspot.com/2017/07/modesto-omiste-tinajeros.html>. Acesso em: 8/11/2019. Ver também em: https://www.bolivia.com/especiales/dia_del_maestro/Bio2.html. Acesso em: 8/11/2019.

De acordo com Leite (1997), a presença documentada (até então) de mulheres em embarcações no território brasileiro é proveniente desde inícios do século XIX. Em pesquisas sobre mulheres viajantes no século XIX, Leite (1997) se debruçou sobre os registros de viagens (diários de bordo em sua maioria) no recorte temporal entre 1803 e 1900. Dos registros, selecionou aqueles que foram produzidos por mulheres e que sobreviveram ao tempo. De 1850 a 1900, dentre um universo de 92 registros de viagens, diários de bordo, contabilizou 17 produzidos por mulheres (LEITE, 1997).

As mulheres viajantes localizadas por Leite eram, em sua maioria, mulheres de alguma posse material. Se identificavam como modistas, turistas, jornalistas, professoras, acompanhantes ou cientistas, e apresentavam origem estadunidense ou europeia (LEITE, 1997; 2000). Sobre o quantitativo de mulheres viajantes que tiveram a cidade do Rio de Janeiro como destino, a autora observa que, de certa forma, o número de mulheres é menor em relação ao de autores homens, sendo um indicativo para um padrão. Os perigos inerentes às viagens, sujeitas a todo tipo de intempérie natural ou humana, tornavam o espaço do navio e o deslocamento uma tarefa arriscada, em razão das doenças e formas de violência. Contudo, com persistência e rebeldia de algumas mulheres, o sexo feminino conquistou seu espaço, favorecido também pelo avanço tecnológico naval. Contudo, conservou-se como área predominantemente masculina, afirma Leite (LEITE, 1997).

Dentre as viajantes do século XIX, aquelas que exerciam funções de preceptoras e professoras foram as que deixaram mais relatos, sejam nos seus diários ou nas correspondências com familiares de sua terra natal. Nos diários, a partir das observações e contatos com a cultura local, descreveram a cidade, tanto aspectos da paisagem como os culturais. O caso de Maria Guilhermina, embora se aproxime das características das mulheres viajantes analisadas por Leite, possui particularidades. A professora viajou para o exterior, na companhia de sua mãe, em busca de formação profissional “da qual não poupou esforços e sacrifícios” (ANDRADE, 1888, s/p).

Frente a isto, como tentativa de contornar a questão optamos, como estratégia metodológica, partir dos indícios, vestígios e informações existentes, organizados por pesquisadores que já se debruçaram sobre a personagem Maria Guilhermina

(CHAMON, 2005, 2008; CHAMON, FARIA FILHO, 2007; SCHUELER, CHAMON, VAZQUEZ, 2010; MONÇÃO, 2016a, 2016b). As chaves de abertura para iniciar o processo de investigação foram três: 1) o período de viagem, 2) a cidade onde se estabeleceu e por fim, 3) a instituição de ensino a qual ela se matriculou.

A partir dos três indicativos, estabelecemos um roteiro de pesquisa que, como um quebra-cabeças, poderia favorecer o surgimento de informações sobre o "obscuro" período de vida e formação profissional da personagem. Através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN), consultamos alguns periódicos brasileiros correntes na década de 1880 e, após uma varredura, focamos nos seguintes periódicos: *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *Almanak Laemmert*, *Jornal do Brasil*; e as revistas pedagógicas: *A Eschola* e *A Instrução Publica*¹⁰⁸. Além dos nacionais, também investimos nos seguintes periódicos estadunidenses: *The New-York Times* e o *New-York Tribune*. A partir dos impressos, aos poucos, foi possível localizar nomes, referências, indícios de datas, notas referentes aos membros da sua família, espaços de sociabilidade e de atuação profissional de Maria Guilhermina, nomes de sujeitos com os quais ela manteve relações na cidade do Rio de Janeiro e fora dela. A pesquisa se estabeleceu a partir de indícios, nomes e locais que ela possivelmente estabeleceu contato e frequentou na cidade de Nova York.

A pesquisa no *Jornal do Commercio*, década de 1880, se deu em razão da sua natureza comercial e por haver informações sobre o trânsito marítimo existente no Brasil daquela época. Neste jornal havia uma coluna intitulada "Movimentação do Porto" onde eram publicados os nomes dos passageiros que entravam e saíam da cidade. Geralmente publicava-se os dos viajantes da primeira classe e os da segunda, enquanto os passageiros da terceira classe eram indicados por quantidade. Pelo jornal conseguimos localizar o dia da partida de Maria Guilhermina, sua companhia, o nome do navio e quantas pessoas embarcaram com ela. A partir desses indícios a construção de um quadro panorâmico do trânsito por ela empreendido se tornou mais palatável já que me foi possível buscar outros indícios. O quebra-cabeças começa a ter forma.

¹⁰⁸ Ver em Teixeira (2016) a discussão sobre as revistas pedagógicas.

A duração da viagem, entre Rio e Nova York, foi de 23 dias. Por volta do dia 13 de julho, Leonor Augusta e Maria Guilhermina desembarcaram no porto da cidade de Nova York, acompanhadas de 9 bagagens. De acordo com a lista de passageiros localizada¹⁰⁹, diante de um universo de 33 passageiros, elas foram registradas como passageiras n.º. 2 e n.º. 3, respectivamente, o que pode indicar terem sido as primeiras a adquirirem as passagens. É provável que outros passageiros tenham embarcado durante o percurso da viagem, contudo, a listagem consultada dá conta apenas daqueles que desembarcaram no porto de Nova York. (LIST OF PASSENGERS. DISTRICT OF THE CITY OF NEW YORK, PORT OF NEW YORK. M 237. Ano: 1820-1897. Rolo, 468).

Pela produção historiográfica apresentada, é possível compreender que casos das duas mulheres viajantes não foram excepcionais, embora possam ser diminutos frente as empreendidas por homens; que as viagens por elas realizadas, também se enquadravam em movimento de busca por formação profissional específica que não existia no Brasil ou então que era vedada a mulheres.

É possível apontar que Maria Guilhermina seguiu um movimento característico de algumas mulheres que buscavam formação profissional específica na segunda metade do século XIX, como foi o caso das duas brasileiras que foram aos Estados Unidos em busca da graduação em medicina, Maria Augusta Generoso Estrella (1860-1946) e Josefa Agueda Felisbela Mercedes de Oliveira (1864-?), as primeiras médicas brasileiras¹¹⁰ (RAGO, 2000). Ainda, segundo Rago (2000), ao viajarem em busca por formação em uma especialidade, ambas alargaram fronteiras socialmente criadas e delimitadas para o gênero feminino e criaram um novo “campo de

¹⁰⁹ A lista de passageiros consultada é o documento oficial do governo estadunidense. Foi preenchido pelo comandante do vapor, Comandante Carpenter. A lista designa nome, idade, sexo, país de cidadania, país nativo, destino, número de bagagens e localização do compartimento (cabine ou outro tipo de acomodação). Na listagem consta o registro de 33 passageiros que passaram pelo vapor no trajeto da viagem, destes 10 eram provenientes do Brasil, incluindo Maria Guilhermina e sua mãe Leonor. O documento indica que a profissão informada para as duas foi a de professor.

¹¹⁰ É importante indicar que a Reforma Leôncio de Carvalho (1879) declinou a proibitiva legal de mulheres frequentarem curso superior. Maria Augusta Gerenoso Estrella e Josefa Agueda Felisbela Mercedes de Oliveira foram alunas do *New York Medical College and Hospital for Woman* e suas matrículas são anteriores à data da reforma educacional imperial. Durante o período de estudos em Nova York, o pai e provedor de Maria Augusta enfrentou séria crise financeira, o que impediu que o mesmo custeasse sua estada e formação. Dom Pedro II, por sua vez, interveio e, via decreto, concedeu uma bolsa para que a estudante brasileira terminasse sua formação (RAGO, 2000).

possibilidades” (VELHO, 1994) de inserção e participação social para as mulheres. E nessa brecha, seguiu Maria Guilhermina.

Uma das possibilidades de entrada para problematizarmos a opção de Maria Guilhermina pelos Estados Unidos da América, e não por algum dos países europeus considerados modelos da pedagogia moderna, pode estar vinculada ao contato que teve com o pensamento estadunidense, tanto político quanto educacional, que passou a circular em território brasileiro na segunda metade do século XIX (CHAMON, FARIA FILHO, 2007).

Chamon (2008) associou a trajetória profissional e pessoal de Maria Guilhermina e sua vinculação com o pensamento pedagógico estadunidense pelo contato com os missionários e missionárias protestantes que desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1850. Para a autora, o “convívio com missionários e educadores presbiterianos, oriundos do norte dos Estados Unidos e ligados à Junta de Missões Estrangeiras de Nova York” favoreceu com que Maria Guilhermina renegasse o catolicismo, religião do império e de sua família, e fizesse “sua opção pela fé reformada” (CHAMON, 2008, p. 24).

Embora seja possível considerar que Maria Guilhermina tenha estabelecido redes de sociabilidades com os presbiterianos, a partir das indicações feita por Chamon (2008), por ausência de fontes mais robustas que demonstrem a sua relação com o movimento protestante, optamos por não adentrar nessa discussão. O que podemos indicar é que, após pesquisarmos nos arquivos da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, na Igreja Metodista localizada no Largo do Machado, também no Rio, e no Centro Histórico Mackenzie em São Paulo, seu nome não figura nos livros e atas dos batizados, convertidos, fiéis de transferência ou qualquer referência de que ela tenha sido integrante destas denominações religiosas. Diante disso, limitamo-nos a reconhecer a possibilidade de que Maria Guilhermina possa ter criado laços estreitos com o pensamento protestante/presbiteriano, mas não reforçamos a tese de que a personagem se converteu ao protestantismo, como defendida por Chamon (2008).

Frente a esta realidade, consideramos que alguns pontos podem ser levantados de modo a identificar quais elementos corroboraram para a ida de Maria Guilhermina

aos Estados Unidos em detrimento de outro país europeu consagrado pela elite política, econômica e intelectual brasileira: 1) as discussões em torno da implementação de um modelo educacional considerado moderno estavam a pleno vapor no Brasil; como exemplo, temos o Congresso de Instrução de 1883; 2) Os Estados Unidos, no decorrer do século XIX, despontaram como uma nação em que os processos educativos estavam ganhando êxito e, por isso, passaram a se equiparar como modelares ao lado de países da Europa Ocidental; 3) as ideias sobre os jardins de infância estavam em projeção no Brasil e relatos publicados na imprensa trazidos por viajantes, somados aos relatórios produzidos por intelectuais, como Bandeira Filho (1882) e Rui Barbosa (BRASIL, 1947), indicavam que nos Estados Unidos a organização desse tipo de ensino havia tido considerável progresso em sua implementação; 4) é possível que o contato de Maria Guilhermina com membros do movimento protestante/presbiteriano no Brasil tenha exercido influência e alargado seus conhecimentos sobre o pensamento liberal estadunidense e os pensamentos pedagógicos que estavam em implementação naquele país; 5) a promessa de implementação dos jardins de infância na cidade do Rio de Janeiro, via reforma Leôncio de Carvalho, em 1879, pode ter induzido a professora a investir na formação especializada para a oferta de serviço de jardim de infância em seu colégio e também para a formação de jardineiras; e 6) o ramo de atuação de Maria Guilhermina era a educação privada, e conquistar novos espaços no concorrido mercado educativo carioca exigia oferecer serviços atualizados de acordo com tendências educativas em progresso no estrangeiro.

Os indícios de Maria Guilhermina em Nova York

Na cidade, Maria Guilhermina se matriculou no *New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten*, onde se tornou pupila de Maria Kraus-Boelté (1836-1918) e John Kraus¹¹¹, proprietários e professores do estabelecimento voltado à formação de jardineiras. O Seminário, em 1883, ano de chegada de Maria Guilhermina, estava situado na *East 22nd street*, n.º 7, ao lado da

¹¹¹ Datas de nascimento e falecimento de John Kraus não foram localizadas.

Broadway, entre a *5th avenue* e a *Park avenue*, duas importantes avenidas de Manhattan, que apresentavam uma grande concentração de estabelecimentos comerciais, localizadas entre as duas principais praças da cidade, a *Madison Square* e a *Union Square* (THE NEW-YORK TRIBUNE, 9/9/1883, n.º 13.447, p. 8)¹¹².

Maria Kraus-Boelte está entre uma das figuras proeminentes que atuou no período de divulgação e organização dos jardins de infância nos Estados Unidos e sua trajetória está ligada à trajetória de outras mulheres inseridas nesse meio. Sua atuação não se limitou a criar, gerir e formar profissionais nos limites físicos da *New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten* que “graduou mais de mil mulheres jovens que perpetuaram seus princípios de ensino em diversas partes do mundo” (THE NEW-YORK TIMES, 3/11/1918, n.º 22.198, p. 21)¹¹³. O casal escreveu um guia de “auto-instrução para jardineiras, mães e cuidadoras”, intitulado *The Kindergarten Guide* (1881). Embora a obra tenha sido publicada pela primeira vez em formato de livro no ano de 1881, ela já circulava no formato de folheto, desde 1877, composta por oito números.

Em razão da sua atuação no Seminário, sua experiência com os jardins de infância e formação de jardineiras, produção escrita e intelectual, Maria Kraus-Boelté recebeu o apelido de *Kindergarten Mother*, a Mãe do Kindergarten, pela imprensa nova-iorquina (NEW-YORK TRIBUNE, 31/12/1900, p. 5). Como exemplo de sua atuação no Movimento Kindergartiano Estadunidense, na listagem dos membros honorários da *American Fröbel Society / The American Fröbel Union*, de 1877, figurou o nome de Maria dentre os primeiros, junto ao do seu esposo John Kraus¹¹⁴.

Para além do Seminário Kraus-Boelté, através de uma notícia publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1890, localizamos o indício que Maria Guilhermina foi

¹¹² O jornal foi fundado por Horace Greeley, membro do partido Whig, em 1842 sob o nome de *The New-York Daily Tribune*. A partir de 1866 teve seu nome alterado para *The New-York Tribune*, que permaneceu até 1924. O *Tribune* foi um dos mais importantes jornais dos Estados Unidos, ao lado do *The New York Times*, e também era vendido ao preço de 4 cents de dólar, fator que estabelecia concorrência entre os periódicos (CHRONICLING AMERICAN, 2017).

¹¹³ No original “(p. 19). graduated more than a thousand Young women who have perpetuated her principles of teaching in many parts of the world”. (THE NEW-YORK TIMES, 3/11/1918, n. 22.198, p. 21).

¹¹⁴ Sobre a formação e atuação de Maria Kraus-Boelté no contexto estadunidense ver em Monção (2017).

“guarda livros no Colégio Rulter Ford. Estudou fisiologia e psicologia com o professor Bulter, de Boston, e filosofia com o professor Felix Adler, de Nova York, com Samuel Weston, de Filadélfia” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 8/7/1890, n.º 4897, p. 2). A partir desses elementos a investigação prosseguiu.

Com relação ao “colégio Rulter Ford” recorreremos aos catálogos on-line do Arquivo Público Municipal da Cidade de Nova York em busca de listagem das escolas existentes no período ou qualquer documentação que me permitisse investir na tentativa de obter informações sobre a instituição. Pelo catálogo existente no Arquivo Público, nada foi localizado e optamos por efetuar uma pesquisa na web e nas hemerotecas dos jornais *The New York Times* e no *New-York Tribune*.

A instituição que foi nomeada como “Colegio Rulter Ford”¹¹⁵ também não foi localizada, porém, “uma luz se acendeu”. E se acaso a grafia do nome do colégio estiver errada? Como resolver esse quebra-cabeças? Dessa forma, consideramos ser possível que o tipógrafo do jornal o tenha feito de maneira equivocada pois a referência encontrada foi *Rultherford*, nome de um distrito, no Estado de Nova Jersey, vizinho a cidade de Nova York.

Infelizmente, a pesquisa na web em catálogos de documentos on-line no sítio do Arquivo Público de Rutherford não contemplou de modo satisfatório o avançar nessa questão. Além desse indício, localizamos informação de um outro *Rutherford College*, localizado no Estado da Carolina do Norte, no ano de 1884, a aproximadamente 800 km de distância de Nova York. De característica privada, ele foi criado em 1853 pelo Reverendo Robert Laban Abernethy (1822-1894). O prédio foi construído em terras cedidas por John Rutherford (1809-1889). Contudo, não é possível apontar se a nossa personagem teve alguma inserção nessa instituição. Por conta da distância entre Nova York e a Carolina do Norte, ainda por não ter sido encontrada nenhuma referência de atuação sistematizada do movimento kindergartiano estadunidense, consideramos que esta informação pode ser uma similaridade de nomes, sem necessariamente haver relação com a trajetória de Maria Guilhermina.

¹¹⁵ Para a pesquisa nos sistemas de busca nos utilizamos dos termos “Rulter Ford College” e “Rulter Ford School”.

Com relação a Nicholas Murray Butler (1862-1947), este atuou como professor de “filosofia” e “educação” da Universidade de Columbia, em Nova York. Como referido por Maria Guilhermina, em um dos seus escritos localizados que foi publicado na revista *A Instrução Publica*, no artigo intitulado *Apontamentos de um “jornal de viagem”*, em 1887, o “jovem sábio” (ANDRADE, 1887, n.º 7, p. 55), teve uma trajetória acadêmica progressiva. Aos vinte anos concluiu o bacharelado; em 1883, conquistou o título de mestre; em 1884 o de doutor. Todos os títulos pela *Columbia College*¹¹⁶.

Em 1886, Butler ingressou como professor do Departamento de Filosofia da instituição em que obteve os títulos. Em *Columbia*, fez sua carreira acadêmica e administrativa. Em 1902, alcançou o cargo de presidente, que ocupou por 43 anos, até 1945, a maior marca dentre todos os presidentes da universidade. Para além do magistério, participou da criação da *Industrial Education Association*, a qual presidiu entre os anos de 1886 e 1891, e da criação do *New York College for the Training of Teachers*¹¹⁷. Em decorrência de sua participação no campo social, político e educativo foi condecorado com o Prêmio Nobel da Paz em 1931, juntamente com Jane Addams (1860-1935), uma personagem que se destacou por suas atuações no movimento feminista, ativista social na causa materna e das crianças pequenas, em prol das crianças trabalhadoras, além de pacifista¹¹⁸ (LIBRARY OF COLUMBIA, 2017; THE NOBEL PRIZE, 2017; ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, 2017; RESIDENTS OF HULL-HOUSE A SOCIAL SETTLEMENT, 1895).

Em 1887, Maria Guilhermina, em texto publicado pela revista *A Instrução Publica*, relata sua participação em uma das falas de Butler “Ph.D do Colégio de Columbia” em “ocasião do aniversário da Sociedade de Educação Industrial”. A professora descreve Butler como um “jovem sábio”, “lúcido, vigoroso e concludente”,

¹¹⁶ Em 1886 a instituição altera seu nome para *Columbia University*.

¹¹⁷ Ver discussão sobre a criação do *New York College for the Training of Teachers* em Warde e Rocha, 2018.

¹¹⁸ Conhecida como a “mãe do trabalho social” foi a segunda mulher a receber o prêmio Nobel da Paz. Foi precedida pela austríaca Bertha Sophie Felicita von Suttner (1843-1914). Addams foi uma das fundadoras da “Liga internacional de mulheres para a paz e liberdade” (1919), pela qual dedicou esforços para que os Estados Unidos não aderissem a 1ª Guerra Mundial. Em 1889 fundou, junto com Ellen Gates Starr (1859-1894), a *Hull House*. A Casa, criada em Chicago, era destinada à atenção aos imigrantes recém-chegados aos Estados Unidos.

que conquistava o público ouvinte, professores públicos e particulares, com sua oratória (ANDRADE, 1887, n.º 7, p. 55).

Felix Adler (1851-1933) era de origem alemã e mudou-se para a cidade de Nova York com sua família quando tinha seis anos. Assim como Butler, Adler graduou-se pela Universidade de Columbia em 1870 e recebeu o título de doutor em 1873. Por seguir as diretrizes religiosas de sua família, obteve formação para rabino em Berlim e Heidelberg, local onde aprofundou-se nas perspectivas filosóficas de Immanuel Kant. A partir de 1902 passou a ocupar a cadeira de ética política e social na mesma universidade em que se graduou. Por lá permaneceu até 1933, ano de seu falecimento (NEW YORK SOCIETY FOR ETHICAL CULTURE, 2017; YOUR DICTIONARY, 2017).

Dentre suas produções, que são voltadas para as discussões referentes à ética no universo religioso, Adler publicou o livro *The Moral Instruction of Children*¹¹⁹ em que abordou aspectos teóricos e práticos sobre o ensino da moral para crianças na escola primária, a partir do uso de contos de fadas, histórias bíblicas e os clássicos gregos Odisseia e Ilíada (ADLER, 1895, p. 8).

As possíveis relações entre Maria Guilhermina e Adler foram percebidas a partir de uma notícia publicada pelo *The New York Times*, em 3 de maio de 1883, em razão do encerramento de um ciclo das atividades da *New-York Kindergarten Association*, realizadas no prédio da *New York Society for Ethical Culture*¹²⁰, localizada em Manhattan, no n.º 109 *West-fifty-fourth street*.

O movimento kindergartiano estadunidense acionava diversos sujeitos e ocupava diversos espaços distintos. As relações de Felix Adler com as mulheres atuantes no movimento kindergartiano estadunidense também podem ser vistas a

¹¹⁹ A edição consultada foi inserida em uma coleção organizada por William Harris, personagem que por intermédio de Susan Blow autorizou a criação de jardins de infância públicos em Saint Louis, sob o título *The Internacional Education Series*. Foram incorporados na coleção 29 títulos que eram vendidos ao valor de US\$ 1,50 cada. O livro de Adler ocupou o número 22 da coleção (HARRIS, 1895).

¹²⁰ A Sociedade para Cultura Ética (*Society for Ethical Culture*) foi fundada em Nova York, em 1876, por Felix Adler. A Sociedade é caracterizada como uma religião, “não teísta e humanista”, sem princípios teológicos, e tem como proposta transcender o individualismo pelo estabelecimento e manutenção das relações entre os sujeitos. Suas bases estão na filosofia de vida, ênfase na educação e comprometimento com o desenvolvimento social na criação de um mundo melhor (NEW YORK SOCIETY FOR ETHICAL CULTURE, 2018, s/p. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LbKo9Ln_LxoJ:https://www.nysec.org/about+%&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 16/8/2018).

partir das relações institucionais que, neste caso, tinha a Universidade de Columbia como importante espaço catalisador. Os eventos e as reuniões promovidos pelos associados do movimento kindergartiano ocorriam tanto em prédios de instituições de ensino como em igrejas e em espaços de reuniões de religiões de cunho humanistas que surgiam no contexto do século XIX, no caso específico, a Sociedade criada por Adler.

A criação destes espaços pode ser entendida como estratégia que os sujeitos lançavam mão para aproximar simpatizantes, obter parcerias e integrar forças em busca de objetivos em comum, ou seja, criar, ampliar e fortalecer as redes de sociabilidade. É possível considerar também que, para favorecer os contatos entre sujeitos, com diferentes formações e inserções na sociedade nova-iorquina, foram utilizados os espaços de formação de pessoas para atuarem na causa da educação da pequena infância. Com referência a Samuel Weston, nenhuma informação foi localizada. Provavelmente sua grafia tenha sido feita de modo equivocado, ou mesmo incompleto, pelo tipógrafo, e isso impossibilitou o avanço da pesquisa.

Encaminhamentos finais

Se por um lado a temática das viagens pedagógicas têm sido objeto de interesse por historiadores da educação, ocasionalmente essa temática esbarra na ausência ou limitação de fontes. Dessa forma, como apresentado no decorrer do texto, a apropriação de perspectivas teóricas e metodológicas pautas na identificação de indícios, os usos e abusos de um *corpus* documental variado, sustentado com as proposições das redes de sociabilidade, favoreceram o encaminhamento da pesquisa. O acionamento de redes de apoio, de sociabilidade (GOUVÊA, 2010) e solidariedade (CHALHOUB, 2012b; COSTA, 2012, 2016), nos permite visualizar um extenso e difuso cenário social em que diversos sujeitos se relacionam em prol de um objetivo específico, articuladas pelas relações de dependência e exerciam sua agência (THOMPSON, 2011).

Em conformidade ao apurado nas fontes localizadas, a experiência de formação de Maria Guilhermina nos Estados Unidos não se limitou ao contexto do *New York Seminary for Kindergartners with a Model Kindergarten*, do casal Kraus. A partir de nomes e instituições citadas "aqui e ali", investimos em puxar os "fios de diversos carretéis" como possibilidade de (des)construção de tramas, redes e emaranhados. O domínio de uma metodologia educativa específica, a dos jardins de infância, estava associado à possibilidade de intervenção social e à esperança de construção de uma sociedade educada em hábitos pertencentes ao modo de vida urbano e moderno.

Assim como Maria Guilhermina, outras mulheres se aventuraram às longas e curtas viagens em prol de formação e a atuação profissional. Para estes casos, o investimento nas narrativas biográficas, jornalísticas e das movimentações do porto podem ser compreendidas como importantes fontes para o enfrentamento da temática. Por fim, vale ponderar que as circulações de sujeitos, projetos e objetos pedagógicos no final do século XIX estavam enquadradas em uma ampla rede de circulação que, para além dos limites dos territórios nacionais, fomentaram trocas e apropriações de modelos pedagógicos no decorrer do século XX.

Referências

ADLER, Felix. **The moral instruction of children**. New York: Appleton and Company, 1895.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: tipografia Companhia Tipográfica do Brasil, período: 1870 – 1885 (Hemeroteca Digital Fundação Biblioteca Nacional)

ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de. Cultura de Kindergarten: Lições sobre objetos (I). **A Instrução Pública**. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1887, ano V, n.º 9, p. 68-69.

ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Série Instrução Pública. Códice:12.4.12 (Setor de manuscritos – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro).

BANDEIRA FILHO, Antônio Herculano de Souza. **O Jardim infantil**: sua natureza, seu fim e seus meios de ação. Relatório apresentado ao Governo pelo Dr. A. H. de Souza Bandeira Filho. Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1882.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé, *et al.* A história da iluminação elétrica nas residências cariocas no início do século XX registrada na moradia de Rui Barbosa. **Revista Escritos**. n.º 7, 2013, p.

213-228. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero07/artigo08.php>. Acesso em: 14/12/2016.

BRASIL. Decreto n.º 6729, de 10 de novembro de 1877. **Autoriza a celebração de contracto para a navegação entre o porto do Rio de Janeiro e o de New-York com escalas.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-6729-10-novembro-1877-549332-publicacaooriginal-64768-pe.html>. Acesso em: 19/12/2016.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim.** Campinas: Editora Unicamp, 2012a.

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

CHAMON, Carla Simone. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.** A trajetória profissional de uma educadora (1864-1916). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2005, 373f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913).** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHAMON, Carla Simone; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). **Viagens pedagógicas.** São Paulo. Ed. Cortez, 2007, p. 39-64.

CHRONICLING AMERICAN. **About the New York Tribune.** Disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/>. Acesso em 10/1/2017.

COSTA, Ana Luiza Jesus da. **O educar-se das classes populares oitocentistas no Rio de Janeiro: entre a escolarização e a experiência.** São Paulo. (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado de São Paulo, 2012.

COSTA, Ana Luiza Jesus da. Educação e formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX. **Revista brasileira de História da Educação**, Maringá-PR, v. 16, n.º 4 (43), p. 123-154, out./dez, 2016. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/592521f023d805ddc546c9ac8431edec/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2037646>. Acesso em: 6/11/2018.

ENCICLOPAEDIA BRITANNICA. **Elizabeth Palmer Peabody, american educator.** 2015. Disponível em: <https://global.britannica.com/biography/Elizabeth-Palmer-Peabody>. Acesso em: 13/12/2016.

FARIAS, Juliana Barreto. **Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890).** Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/Arquivo Geral da Cidade, 2015.

FRAGOSO, João. Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, pardo: notas de uma hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760). FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). **Na trama das**

redes: política e negócio no império português, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010, p. 243-294.

FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima. Desenhando perspectivas e ampliando abordagens – de o antigo regime nos trópicos a na trama das redes. In: FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). **Na trama das Redes:** política e negócio no império português, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOULARTI FILHO, Alcides. Abertura da navegação de cabotagem brasileira no século XIX. In: ENCONTRO REGIONAL DE ECONOMIA - ANPEC SUL, XIII. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Anais do XIII Encontro Regional de Economia**, Porto Alegre, UFRGS, 2010, s/p. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/anpecsul2010/artigos/31.pdf>. Acesso em: 11/08/2016.

GOUVÊA, Maria de Fátima. Redes governativas portuguesas e centralidades régias no mundo português, c. 1680-1730. In: FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). **Na trama das Redes:** política e negócio no império português, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2010.

HARRIS, Willian. Apresentação da The Internacional Education Series. in: ADLER. Felix. **The moral instruction of children**. New York: Appleton and Company, 1895.

JEHA, Silvana Cassab. Anphitheatrical Rio! Marítimos americanos na baía do Rio de Janeiro. Século XIX. **Almanak Guarulhos**, n.º 6, 2º semestre de 2013, p. 110-132. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-46332013000200110&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6/11/2018.

JORNAL DO COMMERCIO Rio de Janeiro: tipografia própria, período 1870-1886. (Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional – PR – SPR 00001).

KRAUS-BOELTE, Maria; KRAUS, John. **The kindergarten guide**, 1881.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803/1900)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1997.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu**. n.º 15, 2000, p. 129-143. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570/3359>. Acesso em: 6/11/2018.

LIBRARY OF COLUMBIA. **Nicolas Murray Butler**. Disponível em: http://library.columbia.edu/locations/cuarchives/presidents/butler_nicholas.html. Acesso em 23/8/2017.

LIST OF PASSENGERS. **District of the city of New York, Port of New York**. M 237. Ano: 1820-1897. Rolo, 468

MARCONDES, Renato Leite. O mercado brasileiro de século XIX: uma visão por meio do comércio de cabotagem. **Revista de Economia Política**, vol. 32, n.º 1 (126) jan./mar. 2012, p. 142-166. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v32n1/09.pdf>. Acesso em: 6/11/2018.

MONÇÃO, Vinicius de Moraes. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade nas redes do Kindergarten. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2018, 226f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MONÇÃO, Vinicius de Moraes.. Viajar para aprender. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e sua viagem à cidade de Nova York (1883-1887). In: SEMINÁRIO NACIONAL DO HISTEDBR, X, Campinas. **Anais do X Seminário Nacional do HISTEDBR: 30 anos do HISTEDBR (1989-2016). Contribuições para a história e historiografia da educação brasileira**. UNICAMP, 2016a, s/p. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/ged/histedbr2016/xhistedbr/paper/viewFile/900/221>. Acesso em: 19/12/2016.

MONÇÃO, Vinicius de Moraes.. Mulheres conectadas, mulheres em rede. Possibilidade de abordagem para a construção de pesquisas em história da educação. In: ENCUESTRO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, XIV, Aguascalientes, México. **Anais do XIV Encontro Internacional de Historia de la Educación. Historia, narrativa y memoria de la educación: magisterio, reforma y conflictos**. UAA, 2016b. Disponível em: https://www.academia.edu/29979072/Mulheres_conectadas_mulheres_em_rede._Possibilidade_de_abordagem_para_a_constru%C3%A7%C3%A3o_de_pesquisas_em_hist%C3%B3ria_da_educ%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 19/12/2016.

MONÇÃO, Vinicius de Moraes.. O protagonismo de três mulheres na difusão dos jardins de infância nos Estados Unidos da América na segunda metade do século XIX. **Revista Contemporânea de Educação**. v. 12, n.º 25, 2017, p. 420-437. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2pOnj_Z_UEQJ:https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/9317+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 6/11/2018.

NEW YORK SOCIETY FOR ETHICAL CULTURE. **Our Founder**. Disponível em: <http://www.nysec.org/felixadler>. Acesso em 25/8/2017.

NEW-YORK TRIBUNE. Nova York: tipografia própria, período: 1894 (Chronicling American. Historic American Newspapers)

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: tipografia própria, período: 1890 (Hemeroteca Digital do jornal O Estado de São Paulo)

RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. **Cadernos Pagu**, n, 15, 2000, p. 199-225. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635577>. Acesso em: 6/11/2018.

RESIDENTS OF HULL-HOUSE A SOCIAL SETTLEMENT. **Hull-House Maps and Papers: A Presentation of Nationalities and Wages in a Congested District of Chicago, Together with Comments and Essays on Problems Growing Out of the Social Conditions**. New York: Thomas V. Crowell Co., 1895.



SCHUELER, Alessandra F. M. CHAMON, Carla Simone; VAZQUEZ, Gabriel. Ensinar História na escola primária oitocentista: o resumo da História do Brasil, de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. **Revista Gênero**. v. 11, n.º 1, segundo semestre/2010, p. 15-34. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/39/24>. Acesso em: 19/12/2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

TEIXEIRA, Gisele Baptista. **A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro: os jornais e as revistas como agentes construtores da escola (1870-1919)**. Tese (Doutorado em Educação). Niterói: UFF, 350 fls. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, 2016.

TERRA, Paulo Cruz. **Cidadania e trabalhadores: cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906)**. Niterói, RJ: UFF, 2012, 324f. (Tese) Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense.

THE NEW YORK TIMES. Nova York: tipografia própria, período: 1884 (Hemeroteca Digital The New York Times)

NEW-YORK TRIBUNE. Nova York: tipografia própria, período: 1894 (Chronicling American. Historic American Newspapers)

THE NOBEL PRIZE. **Nicholas Murray Butler - Biographical**. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1931/butler-bio.html, acesso em 23/8/2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. The New York Times: notícias que fazem história. **Revista Temática**. n.º 2, fevereiro/2011. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2011/fevereiro/nyt_noticias_historia.pdf. Acesso em: 6/11/2018.

YOUR DICTIONARY. **Felix Adler**. Disponível em: Felix Adler. Acesso em 25/8/2017.

Americanismo e educação: um ensaio no espelho. São Paulo em Perspectiva. vol. 14, n.º 2, 2000, p. 37-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8839200000200006. Acesso em: 6/11/2018.

WARDE, Miriam Jorge. ROCHA, A. C. S. M. Feminização do magistério e masculinização do comando educacional: estudos no Teachers College da Universidade de Columbia (1927-1935). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n.º 70, p. 35-50, jul./ago, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58725/35896>. Acesso em: 16/8/2018.

WEID, Elisabeth von der. As primeiras intervenções tecnológicas no espaço urbano. Rio de

Janeiro - séculos XVIII - XIX. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, XXII, JOÃO PESSOA.
Anais do XXII Simpósio Nacional de História. UFPB, 2003. Disponível em:
<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.2.05.pdf>. Acesso em
10/12/2016.

Data do envio: 17/08 /2021
Data do aceite: 13/11/2021

